

# A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA. (Sem estampilha.)	<i>Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Nova do Muro n.º 48. Preço de cada numero avulso 40 rs. No mesmo escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 rs. por linha, repetição 20 rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 30 rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.</i>	ASSIGNATURA. (Com estampilha)
Por anno..... 2\$400 « Semestre.... 1\$300 « Trimestre.... \$720		Por anno..... 2\$930 « Semestre.... 1\$560 « Trimestre.... \$850

GUIMARÃES 20 DE DEZEMBRO.

JULGAVAMOS, que a *Aurora do Lima*, na elevada, e ardua tarefa de que se encarregou, qual é a defeza do actual ministerio não teria mãos a medir, faltando-lhe por isso o tempo de se occupar com os jornaes opposicionistas e da infima classe; mas já vemos que a folha ministerial topa a tudo, não consentindo, até, que a *Tesoura de Guimarães* desvie o odioso, que alguém quer lançar sobre os grandes proprietarios e capitalistas d'esta cidade, por isso que elles receíam entregar os seus cabedães nas mãos d'um governo, que não tem pejo de apresentar em cada sessão de côrtes um *bill* d'indemnidade, que o releve da distração de dinheiros; e que, não tendo quem ás mãos lh'os leve, para os distrahir, vai d'elles lançar mão no cofre dos orfãos e viúvas, e no deposito publico, cuja guarda a justiça garante ao cidadão particular.

E' claro, que nos referimos ao artigo principal do n.º 227 d'este periodico, que a *Aurora do Lima* no seu n.º 448 pertende ridiculisar.

A expressão que mais a mortifica é, o dizermos, que *todos receíam entrar em empresas, em que o governo tenha ingerencia; porque dinheiro nas mãos do governo é alma de condemnado, que cahiu no inferno*; e, para mostrar a falsidade de nossa asserção, lança-nos em rosto os empréstimos obtidos para as estradas do Minho, e o outro já auctorizado para a estrada de Valença a Caminha!

A Dissipadora das trevas do rio Lima devêra notar que nós não nos referimos unicamente ao governo seu protegido; e então a sua defeza devêra ser geral, porque em todos os governos se encontram exemplos semelhantes; porém, se, com esses que aponta, pertende destruir a nossa proposição, escusava de ir tão longe; no nosso artigo mesmo encontrava materia para defeza (à sua moda) nas palavras, que se seguem aos primeiros periodos, que teve o trabalho de copiar, que são = *Cada dia observamos um d'estes exemplos fataes, e, com mais assiduidade os temos visto na luctuosa administração do governo Avila-Loulé.* =

O illustrado defensor do ministerio, entendendo as palavras à letra, podia lançar mão d'estas, e arguir-nos de contraditorio.

Se cada dia se observa um d'estes fa-

taes exemplos, é, porque cada dia ha, quem tenha contractos com o governo.

Nossa tenção, portanto, nunca podia ser a de negar aquillo mesmo, a que se tem prestado, e estão ainda prestando em frente de nossos olhos, esses grandes proprietarios, e capitalistas nossos conterraneos, cujos receios justificamos. Nossa tenção foi, e é mostrar os inconvenientes da falta de credito do governo, que tem originado o desgraçado estado de nossas finanças, e atrazo, em que nos achamos.

E quererá a *Aurora* negar que uma grande parte da divida publica provém do descredito do governo, sendo este obrigado, por falta de confiança, a ir ás praças do estrangeiro contrahir empréstimos, que ali mesmo só pôde obter com grandes usuras? Irá ao estrangeiro, porque em Portugal não ha numerario? Que diria o jornal ministerial, se, promovendo-se um empréstimo para a abertura de uma estrada, cuja despeza poderá ser orçada de sessenta a setenta contos, visse offerecer para esse empréstimo, só por comprazer com o promotor, 2 contos — 1 conto — quinhentos — duzentos — e cem mil réis a negociantes, proprietarios e capitalistas, que cada um delles de per si podera dizer — eu faço esse empréstimo de 60 ou 70 contos de réis? — Provavelmente dizia, que estes commerciantes, proprietarios, e capitalistas não são benemeritos, como o são esses do Minho da *Aurora*, e que, em lugar disso, são uns mesquinhos, e porcos avarentos, que só acham prazer em olhar para as suas burras transbordando de dinheiro! — Não é assim? Ora ahí chegamos á materia do nosso artigo, que mereceu a critica do jornal de Vianna.

«O governo, diz elle, tem credito; porque os benemeritos commerciantes e capitalistas do Minho lhe emprestam dinheiro para as estradas que aqui temos».

O governo não tem credito, dizemos nós, porque os benemeritos proprietarios, capitalistas e commerciantes do Minho, de Traz-os-Montes, do Douro, das duas Beiras, da Estremadura, do Alentejo, e do Algarve, provincias de que é composto o reino de Portugal, não querem, salvas algumas excepções, contractos com elle, nem mesmo para obterem boas vias de commudicação, vendo-se, por isso o desacreditado governo obrigado a ir contrahir empréstimos nas nações estranhas, sujeitando-se a pesadissimas condições, e desmedidas usuras.

O jornal ministerial ainda limpa mais os beiços a uma obra na barra da Figueira, e outra na foz do Douro, e a uns desejos

que vão chegando ao Algarve: de sorte que Vianna, a foz do Douro, a do Mondego, e os desejos que se vão manifestando no Algarve, formam o reino de Portugal!

Vejamos agora quaes dos benemeritos tem mais amor ao seu dinheiro ou são menos prodigos, se os do Portugal da *Aurora*, se os do Portugal da *Tesoura*.

Que o governo de Portugal tem sido um caloteiro não somos nós unicamente que o dizemos; affirma-o tambem o snr. ministro actual da fazenda na sua proposta para a capitalisação da divida antiga. Lea o devoto do ministro proponente, o que por ahí vai = dividas de precatorios, restituções, e depositos — papel moeda — predios demoidos — lettras da Bahia — fundação do hospital da marinha — construcção do palacio d'Ajuda — defeza de Marvão, etc. etc. etc. =

Que o governo de Portugal é caloteiro e pouco seguro tambem o confessa o actual governo, pedindo perdão ás côrtes dos seus *desvios*, e presistindo na teima de não dar contas dos dinheiros, que lhe foram dados para designadas applicações; não lhe escapando sequer o das victimas da febre amarella, nem aquelle d'um particular que se achava no deposito publico! — Ora dêem lá dinheiro a um tal governo!... Só os benemeritos da *Aurora*.

Que o periodico ministerial de Vianna goste ou deixe de gostar de morrões de candieiro, não temos nada com isso, nem tal cousa nos tem importado. Siga, pois, o seu caminho, e deixe quem está quieto para não ouvir as verdades que não ignora, mas quer occultar. Nós não sabemos dissimular.

J. I. d'Abreu Vieira.

## INTERIOR.

BRAGA 15 DE DEZEMBRO.

(Correspondencia particular).

«Começou hontem pelas 10 horas da manhã a audiencia do julgamento dos moedeiros falsos d'Adães. O tribunal estava apinhado de espectadores, que queriam presenciar esta grande questão, em que se acha empenhada a moralidade do paiz. Tem alli estado sempre para cima de 500 pessoas, de modo que já não é possível entrar no recinto da salla. E' grande a



anciedade pelo resultado d'este julgamento, e contamos que a causa da justiça e da moralidade ha de triumphar, apesar de todos os escandalos que se tem posto em prática para salvar os criminosos.

Os agentes dos moedeiros falsos tem-se desmascarado — mais de cem estão em campo n'esta cidade, e só ficaram occultos alguns dos principaes. Estão equi os protectores dos réos, vindos de Guimarães, do Porto, e de outras partes, e consta-me que ha aqui cartas de pessoas d'essa cidade, que custa a crêr as escrevessem para proteger um tal crime.

Sete delegados de fóra assistem a este notavel julgamento.

O jury, ainda que composto na maior parte de pessoas da aldeia, tendo só tres da cidade, não deixa de inspirar alguma confiança.

A leitura do processo durou até às 6 horas da tarde em que começou a inquirição das testemunhas da accusação, a qual durou até ás cinco e meia da tarde de hoje. A esta hora começou a jurar a primeira testemunha de defesa. Por certo que antes de sabbado por noite não teremos o resultado.

O accusador é o novo delegado o sr. José Joaquim Vieira, que nos dá todas as esperanças de que ha-de sustentar dignamente a accusação, e são advogados dos réos o sr. dr. Custodio José Vieira, que veio d'essa cidade, e o sr. dr. Felix, bem conhecido nos auditorios de Braga.

Na audiencia tem-se dado algumas scenas desagradaveis, que seria muito para desejar se não presenciassem no sanctuario das leis, aonde os espectadores se devem abster de quaesquer manifestações que possam influir na ordem e regular andamento da discussão da causa.

Tem-se manifestado alguns signaes de desapprovação a um dos advogados da defesa, e deram-se muitos apoios ao delegado, e isto não deve ser tolerado pelo digno juiz, que deve empregar toda a sua auctoridade para fazer manter o respeito e a ordem no tribunal. E' porém pouco exacto o que diz sobre uma d'estas scenas desagradaveis o *Independente* de hoje.

Podemos assegurar-vos que não é exacto o que se lê no citado jornal. A primeira testemunha da accusação que era o creado do réo Cunha quiz desdizer-se do seu 1.º depoimento; a segunda era um primo do mesmo réo, mas esta ractificou tudo o que já tinha jurado, pondo de parte o parentesco e a amizade que o ligava ao réo; e com a 3.ª que foi José Lourenço dos Santos, empregado de policia, é que se deu o incidente desagradavel de signaes de desapprovação ao procedimento do advogado da defesa, e apoiados ao delegado. Mas estes apoios não foram pronunciados pela gen'alia que está prompta a tudo, como quer fazer crêr o *Independente*, mas sim pela gente sensata e de mais consideração. Será o *Independente* o unico que se atreva a dizer o contrario.

Deu-se um conflicto no inquerito de uma das melhores testemunhas da accusação, que viu um ataque no que lhe disse o sr. Custodio José Vieira, e dizem-nos que isso deu lugar a que este fosse desafiado e chamado para fóra do tribunal.

Hoje perto das sete horas da tarde houve fóra da teia ameaças entre os agentes dos réos e alguns espectadores.

A esta hora quiz entrar no tribunal, mas não foi possível, porque o povo está pelas escadas abaixo até o terreiro do Paço. E' tal a agglomeração de gente, que os dous sallões tem estado em risco de desabarem.

Ahi tendes o que até agora pude colher.

O que se conhece visivelmente pelo que se tem presenciado no tribunal da parte do auditorio, é que o povo de Braga aneia como todos os bons portuguezes porque haja um exemplo de moralidade, dando-se uma severa lição a esses homens degenerados que envilecem e enxovalham a sua patria, com a sua infame industria da moeda falsa.

Estes sentimentos ennobrecem-n'o porque mostram quanto elle se empenha por vêr intacta e salva a honra da sua patria, que os moedeiros falsos tem arrastado pela lama. A indignação pelos criminosos de Adães é honrosa e são por isso desculpaveis alguns incidentes lamentaveis que se tenham dado da parte dos espectadores no julgamento de taes criminosos. »

#### IDEM 17.

« O julgamento dos moedeiros falsos d'Adães é aqui a ordem do dia, e não se falla em outra cousa, não se ouvem outras conversas, não se faz nada, cuida-se só em ir para o tribunal, onde é impossivel entrar; tal é a multidão que allise acha reunida.

Os interrogatorios dos réos principiam hoje ás 2 horas, e agora, que são 6, devem estar a concluir.

Dizem-nos que os réos padre José e Amaro estavam no proposito de confessar tudo, porém quando todos os réos hoje pelas 4 horas da madrugada sahiram do tribunal e se recolheram a cada um para descansarem e tomarem algum alimento, para ahi foram tambem os seus advogados, e diversas pessoas que os protegiam, e havendo entre todos uma renhida conferencia, n'ella se decidiu que todos negassem tenaz e despejadamente o crime de que eram accusados. Não podemos alliançar a veracidade do facto, mas é meito de presumir que assim acontecesse. Tem sido tal a negativa em que os réos se tem conservado que o proprio padre disse que não sabia da machina e que nunca a vira senão agora no tribunal!!!! Nunca se viu um tal desearo!

Apesar de tudo, os homens estão mal, porque as testemunhas de defeza dadas aqui em nada os alliviarão e pelo contrario causaram uma indisposição geral.

O sr. José Joaquim Vieira, novo delegado de Braga, é merecedor dos maiores elogios pela maneira digna como se tem havido na discussão d'esta causa. No pouco tempo que teve tornou-se completamente senhor de om tal processo e de todas as circumstancias que havia respeito a cada uma das testemunhas de defeza sem que lhe escapasse uma só.

O juiz é um homem recto e ainda que muito escrupuloso, dizem-nos que es-

tá completamente convencido da criminalidade dos réos e quando o jury manche a sua sagrada instituição dando por não provada a accusação, ella ha-de saber por certo desafrontar a moralidade, dando por iniqua a decisão do jury. Mas tal não ha-de ser preciso, porque é de esperar que a decisão seja justa.

A'manhã estará decidida a sorte dos moedeiros falsos d'Adães. » \* \* \*

#### A' ULTIMA HORA.

Mais um grande escandalo acaba de se commetter n'este desgraçado paiz. Os accusados como moedeiros falsos d'Adães foram absolvidos pelo jury de Braga!! Cubramos a cara de vergonha!

São 11 horas e meia da manhã, e acabamos de receber d'aquella cidade o seguinte despacho em que se nos dá tão inesperada noticia:

« O jury deu por não provados por maioria os quesitos de accusação. O doutor delegado embargou os presos e interpoz recurso para o supremo tribunal de justiça. »  
(*J. do Commercio*).

*O busto do grande estadista.* — An'hontem foi exposto n'uma das sallas da camara dos pares, o busto do fallecido estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, executado pelo sr. Victor Basto. Consta-nos que os dignos pares todos admiravam o primoroso trabalho do nosso já distincto esculptor.

O busto foi executado para o filho do illustre estadista, e, segundo ouvimos, parece que o sr. Fonseca Magalhães concorda em que fique na camara dos pares, desejo que foi manifestado por muitos membros da camara.

Esperamos que o publico terá occasião de admirar o trabalho do sr. Basto. O voto publico, a aclamação popular é a corôa que mais lisongeia o artista.

*Construcções navaes inglezas.* — Os entendedores na arte da construcção naval poderam ha pouco admirar um lindo barco a vapor, que, sabindo de um dos mais acreditados estaleiros de Inglaterra, viera demorar-se alguns dias nas aguas do Tejo, não sabemos para o que. Os sysnes que delectam os amadores do Passeio Publico não são mais alvos do que o *Cleopatra*, (*é este o nome do baptismo*), cujo esguio e elegante casco fóra pintado de branco de pôpa á prôa. As bellas fórmãs d'este barco não podiam escapar á vista dos entendidos, e muito menos de S. A. o sr. Infante D. Luiz, o qual, segundo nos informam, foi no dia 3 do corrente a bordo do *Cleopatra*, afim de admirar de perto as qualidades e bellezas que este barco a vapor encerra.

« O elegante barco a vapor (*steam-yacht*) *Cleopatra*, construido ha pouco por mr. Scott Russell, para Al-Hamí-pachá, filho do fallecido vice-rei do Egypto, e genro do sultão, fez sabbado passado a primeira experiencia das suas caldeiras, navegando pelo rio abaixo. »

« O *Cleopatra* é o terceiro barco a vapor construido para o mesmo principe por mr. Scott Russell; destina-se a navegar entre Constantinopla e o Egypto, para o fim especial de manter communicações entre as propriedades de Sua Alteza sitas na Turquia e no Egypto, de que elle em pessoa é o superintendente.



«O *Cleopatra*, como modelo de navio nada deixa a desejar tanto nas suas formas, como na velocidade».

«As linhas de prôa foram tão finamente desenhadas, que o *Cleopatra* mesmo navegando a toda força de vapor, corta as ondas sem levantar cachão. O pachá recommendou expressamente que a pôpa tudo se sacrificasse, para que no salão destinado ás damas nada faltasse em commodidades e elegancia».

«Mas apesar d'isso, nas sete corridas de experiencia verificou-se que o navio andava 17 milhas n'uma hora.

A sua força nominal é de 150 cavallos, posto que com 30 lbs. de pressão do vapor nas caldeiras, estas indiquem 900 cavallos de força effectiva, consumindo apenas 21½ lbs. de carvão por cada cavallo-vapor n'uma hora».

Todos os paizes, e até os particulares mandam construir nos estaleiros inglezes embarcações que sahem obras-primas. Só Portugal não logra ter navios de construção ingleza, que não sejam umas lastimas nauticas. Porque será isto? Vigia as construcções um almirante, tendo ás suas ordens officiaes da armada, e os navios não prestam para o serviço a que são destinados! E' fado nosso irmos sempre-atraz dos outros paizes em tudo!

(J. do Commercio.)

A camara municipal de Lisboa, resolvida a ir entregar as chaves da cidade a S. M., no caso de não ser dissolvida, ou de não lhe darem os meios que foram votados para os melhoramentos da dita cidade, foi enfim dissolvida; porque o governo, tudo fará, menos entregar dinheiro, em quanto lhe for possível reter-o na mão. Nomeou-se a comissão municipal da qual faz parte um morto ha quasi dous annos! Outro membro não quiz dar o juramento no acto da posse; e dous mostraram que tinham sido nomeados incompetentemente. Tracta-se da eleição da nova camara, e o governo não se descuida; mas a população da capital parece tomar em brío a reeleição da camara dissolvida.

No dia 11 entrou a barra de Lisboa um vapor, trazendo a seu bordo o principe Conde de Pariz, filho primogenito do duque d'Orliens; neto do grande monarcha Luiz Philippe, e o que devesse succeder-lhe no throno da França, a não ser a revolução republicana. Entrou em silencio (l...) provavelmente para não assanhar mais, o que hoje dispõe das esquadras e exercitos francezes. — Feli mente, ainda foi recebido no palacio dos Nossos Reis, e é de erer, fosse ali tratado, dentro de paredes, como o chefe dos liberaes francezes, e o desejado da França mais esclarecida. Sahiu no dia 13 para Sevilha a visitar seu tio o duque de Montpensier, e sua esposa a infanta de Hespanha, irmã da rainha D. Isabel II, na companhia dos quaes se demorará até depois da Semana Santa.

O sr. ministro de justiça apresentou na camara dos srs. deputados uma proposta para aposentações, e demissões de juizes. Já se vê, que isto não tem outro fim além de tapar a bocca, sobre este ponto, ao sr. D. Rodrigo de Menezes. De resto estamos certo, que a tal proposta ha-de andar aos empurões de cá para lá, até ficar confundida entre os papeis, que andam por debaixo das mezas: e, se passar, será de tal forma, que só seja aposentado quem o quizer ser, e demittido nem um só. — *Vere-mos.*

A proposta do sr. Casal Ribcero para o governo mostrar a applicação que tinha dado aos 800 contos de réis votados pelas côrtes para melhoramentos da capital, foi regeitada em votação nominal por 65 votos contra 32 (!!!) Antes da votação, o sr. Fontes tinha apresentado uma moção d'ordem para que se passasse á ordem do dia, sentindo a camara, que a somma dos 800 contos não tivesse sido applicada ás obras para que fôra votada. Esta moção fica-

va em discussão; porém, como ella importa uma censura ao governo, decisivamente não passa.

Os ministros deram n'ella fina. Antes das votações de grande importancia, e das quaes depende a sua conservação no poder, reúnem a maioria; fazendo-lhe as suas choradeiras, até ao ponto de a commover. Neste comenos entram os taboleiros com o chá, e, após elles, outros com doce, e mais doce. Adoçada assim a bocca da maioria, adoçam-se depois os ouvidos de cada um dos seus membros, e o resultado é uma votação de 65 votos contra 32 e a sorte de Portugal assim fica barateada dentro d'uma secretaria!...

Eis aqui para que os que se chamam representantes da nação lançam tributos ao povo — para serem depositados nas mãos dos srs. ministros!

## NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Diz uma correspondencia de Londres — que a côrte de Roma descobrira recentemente, em uma correspondencia, os projectos do imperador Napoleão a respeito da Italia. Segundo este plano, a França dará para a campanha de Italia 80,000 homens, e o Piemonte 60,000, e uma reserva de 40,000 soldados. Conseguindo o fim da guerra, que é a expulsão dos austriacos do territorio italiano, o Piemonte agregará a si além dos ducados de Modena, Parma, e Placencia, uma parte da Lombardia.

O antigo reino lombardo venesiano será restabelecido sob a soberania do principe Napoleão. A Romania será separada dos Estados pontificios e unida a este reino. A dinastia de Murat se restabelecerá em Nápoles, e ao reino das Duas Sicilias se unirão os Estados do Papa; á excepção da Romania, que ficará pertencendo ao reino Lombardo Veneziano, e Roma permanecerá debaixo do dominio temporal do Papa, e sua residencia.

A dignidade da Santa Sé será sustentada por meio de um tributo das potencias catholicas.

Estas noticias corriam em Inglaterra, e ainda que de um modo vago, e sem garantia, de verdade, nem por isso deixavam de preoccupar os animos no mundo politico.

Na Bolsa de Pariz chegou a espalhar-se o boato de que o ministro da guerra, pedira aos commandantes das divisões militares, relações exactas das provisões militares, relações exactas das provisões de guerra das suas divisões.

A vista d'isto «O Monitor» official foi obrigado a romper o silencio, publicando a seguinte nota:

«Uma polemica sustentada com persistencia lamentavel por diferentes jornaes parece ter causado uma inquietação que as nossas relações com as potencias estrangeiras não justificam. O governo do Imperador julga dever premunir a opiuião publica contra os effectos d'uma discussão que poderia alterar as nossas relações com uma potencia aliada da França.»

Esta nota não é tão explicita e clara como o caso pedia.

*A cathedral de S. Pedro em Londres.* — A maravilhosa cathedral de S. Pedro, em Londres, abriu-se no domingo 29 de Novembro ao publico.

Até aqui este grandioso monumento reservava-se para as grandes solemnidades como os funeraes d'um Nelson ou d'um Wel-

lington. O serviço ordinario da egreja anglicana tinha diariamente logar no côro, n'extremo d'uma das suas immensas e prolongadas naves d'um modo quasi desapercibido para os que visitavam o maior monumento do mundo. As exigencias do culto que fizeram abrir ao publico a veneravel abbadia de Westminster, que antes só se abria no principio de cada reinado para sagrar o monarcha, obrigaram tambem a destinar a meia laranja debaixo da soberba cupula da cathedral de S. Pedro, ao serviço do culto religioso.

A cornija da culpa está guarnecida em toda a sua extensão de bicos de gaz, como nos funeraes do duque de Wellington, os quaes produzem quando illuminados um effecto magico.

Na solemnidade da abertura, a musica do coro compunha-se de 200 tipes, 150 tenores, e 150 baixos.

Os echos da musica religiosa perdiam-se na immensidade das abobadas, que a vista debalde pertende abarcar.

O sermão foi prégado pelo bispo de Londres, que tomou para texto o versiculo 7.º da primeira epistola aos Corinthios.

Segundo diz um jornal francez, assegura-se que tudo vae de mal para peor nos principados danubianos. A situação é tão extraordinaria, que se receiam sérias desordens em Bucharest e em Jassy. A Austria é accusada de empregar todos os seus esforços para promover o descontentamento, e irritar a calamidade já sanguinolenta. O seu consul em Jassy, se dermos credito á *Gazette des Postes*, chega a recusar o visto dos passaportes assignados pela Caimanica, porque trazem no alto estas palavras: *Principados Unidos.*

Do jornal «Continental Review» extrahimos o seguinte:

### FRANÇA E PORTUGAL.

O conde de Paiva, embaixador portuguez em Pariz, está actualmente em Londres.

Os jornaes Belgas tinham annunciado que elle estava doente, mas ha razões para acreditar que a sua doença tem um caracter politico. Consta que o governo francez está desgostoso pela maneira por que o negocio do *Charles et Georges* foi resolvido. Em consequencia d'isto o ministro de França em Lisboa queixou-se em nome do seu governo, da expressão do discurso da côrta; e não só nega que a França tenha ameaçado Portugal, mas insiste em que seja transcripta na folha official de Lisboa uma nota para mostrar que «os documentos que tem de ser presentes ás côrtes com respeito a todo este negocio hão-de provar que a França não usou de violencia alguma para induzir Portugal a ceder.» — Sua Magestade Fidelissima recusou ceder a esta segunda humiliação; e enquanto o negocio está n'este estado julga-se que mr. de Paiva passará algum tempo em Londres ou em Bruxellas, como mais lhe convenha e á sua saude.

*Turin, 9.* — O rei Victor Mauoel deu um banquete ao gran-duque Constantino da Russia, e sua esposa, por motivo da visita dos quaes tinham havido grandes festas no palacio. O gran-duque seguiria de Turin para Genova onde reu-



